



## ODE MARÍTIMA: PESSOA, DEBUSSY, SZYMANOWSKI

**Grosso (a), Spence (t), Couderc (v), Huguet (e),  
Viotti (d), Coro e Orquestra Gulbenkian**

Gulbenkian, Lisboa, dia 23 de novembro

A melhor coisa que aconteceu à Fundação Calouste Gulbenkian nos últimos tempos foi a contratação de Lorenzo Viotti como maestro titular da Orquestra. Jovem (n. 1990), talentosíssimo e determinado a trabalhar e a sacudir a rotina, tudo se conjuga para que o “céu seja o limite” (como dizem os anglo-saxónicos). Para o seu 2º programa da temporada, pegou na “Ode Marítima” (1915) de Álvaro de Campos e entrelaçou-a com “La mer” (1904) de Claude Debussy e a “Sinfonia nº 3” (‘A canção da noite’, composta entre 1914-16), de Karol Szymanowski. (Atenção às cronologias!) Rodeou-se de excelentes colaboradores — o ator João Grosso, recitante de trechos do poema, mais o encenador Vincent Huguet (que trabalhou com Patrice Chéreau) e Bertrand Couderc para o vídeo e desenho de luzes — e integrou tudo num espetáculo único, sem interrupção. Talvez houvesse poesia a mais enquanto se aguardava a música, mas o resultado — revolucionário, em Portugal — deixou o público num estado permanente de suspense (e sem tosse). O palco da Orquestra é agora um espaço onde tudo é possível. Nestas coisas, o pioneiro tem sido John Eliot Gardiner (que ainda recentemente nos Proms de Londres pôs o violetista Antoine Tamestit a passear-se pela Orquestra e zonas adjacentes durante a execução de “Harold en Italie”, de Berlioz). São já espantosas a firmeza e clareza da direção de Viotti. Achei particularmente convincente o modo muito pessoal como estruturou e desenvolveu o 3º esquisso de “La mer”, ‘Diálogo entre o vento e o mar’. A Orquestra, sempre atenta, correspondeu em pleno. Tal como Mieczyslaw Weinberg, o também polaco Karol Szymanowski (1882-1937) é outro grande compositor cuja hora parece finalmente ter chegado. A rara e polimelódica “Sinfonia nº 3”, para coro, tenor (boa prestação de Toby Spence) e orquestra, constituiu um esplêndido remate ao concerto, recebido em apoteose pelo público. Viotti sabe o que quer. Numa entrevista ao Expresso após a sua nomeação, explicou porque aceitou a Gulbenkian como o seu primeiro posto: uma Orquestra pronta para ultrapassar a sua zona de conforto; muitos músicos jovens ansiosos por crescer; um Coro estupendo (e Viotti adora trabalhar com a voz e fazer ópera e música coral-sinfónica); as infraestruturas únicas da Fundação, incluindo um auditório com excelente acústica; os jardins e o museu; a cidade e o surf por perto... Precisamos de mais concertos como este, onde as peças se iluminam umas às outras e o resultado ultrapassa em muito a soma das partes. Por uma vez sejamos ambiciosos, pois parece estarem criadas as condições para termos regularmente em Lisboa música de alto nível, excitantemente apresentada. Desejo e espero que o entendimento e empatia entre o Viotti e o coletivo que dirige sejam cada vez melhores. O resto virá, por acréscimo (incluindo encontrar um concertino capaz de liderar as ambições da Orquestra em articulação com o maestro titular). / J.C.